

## RESENHA

PRETÉRITO (RE)VISITADO<sup>1</sup>.....  
Wagner Coriolano de Abreu<sup>2</sup>  
.....Recebido em: 04 de maio de 2017  
Aprovado em: 18 de junho de 2017  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
RPR | a. 14 | v. 2 | p. 165-166 | jul./dez. 2017  
.....

Tudo convida ao encontro com a literatura de Ernani Mügge neste livro em formato pequeno, reunião de dezessete contos, que ora se juntam a outros tantos das coletâneas *Percalços* (2000) e *Instantes* (2004), a ampliar o horizonte de exploração do cotidiano de localidades longe da cidade. Surpreende neste *Pretérito (re)visitado* (2017) a imagem autoral reconstituída a partir da instância da leitura.

Ernani Mügge leva pela mão o leitor, a suplantar a cotidianidade radical pelo exercício de escavar a materialidade da literatura. A páginas tantas, põe um copo de água em que a personagem mergulha calêndulas. A considerar o fato de que a referida flor faz parte do universo representado, conhecida por malmequer, perderia a ocasião de explorar uma imagem poética da palavra culta, em meio à tensão prenunciada na expectativa da mulher pela chegada de uma possível surpresa. O cuidado com a linguagem aparece em todos os contos, por meio de estratégias de escritor sereno na criação de um mundo.

E que mundo! Escreve a partir de uma geografia sentimental, de modelos de sensibilidade que beiram ao chão da vida, desde as incertezas advindas de um filho chegado em tempos difíceis ao momento da partida de uma mãe enferma ou do lugar vago com a morte de um idoso. Vários contos tratam dos embates do ser interiorano com a distância da cidade. É o homem que parte para a cidade em busca do trabalho, deixando a roça que já não alimenta à família e um amor; é o menino que parte para início de trabalho na cidade, prenúncio de um romance de formação, já não querendo ser menino; é o professor que despede dos alunos ao final do ano e não retorna mais, provavelmente o mesmo homem a caminhar pela grande cidade anos depois.

Ao seguir um caminho, o narrador desta “Ausência” libera ao leitor a possibilidade de transitar no limiar do passado interiorano ao presente cidadão. E por este viés entendo a sutil marca autoral de Ernani Mügge, a quase cotidianidade radical em sua prosa. No tecido do conto, duas recorrências à cultura letrada aparecem: “Mestre e discípulos, dispersos na vida” e “andando pela Andradas”. A primeira, remetendo às Letras Clássicas, ao latim, *magister et discipulus*; a segunda, a uma referência cultural de poetas e cronistas à cidade de Porto Alegre, do passado ao presente, de Rua dos Andradas a Rua da Praia.

A presente coletânea desdobra-se na luta entre o nomeado e o anônimo. Sem nome, entretanto, de modo algum aparece como sem passado. O escritor remexe em situações que aparentemente não

---

<sup>1</sup> MÜGGE, Ernani. **Pretérito (re)visitado**. São Leopoldo: Oikos, 2017. 78 p.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil). Professor na Universidade Federal de Pelotas (Pelotas/Brasil). E-mail: coriolano3@gmail.com.

dariam mais nada, casos perdidos e esvaziados pela repetição, e as elevam a um patamar diverso. “Anônimo” enquadra-se nesta empreitada, desde o início vem com proposta de rever o cotidiano: “Encosta a velha bicicleta em frente a um boteco, um pouco distante de outras que já haviam sido confiadas ao relento. Abaixa-se para prender a roda com o cadeado, mas desiste por precaução: talvez se demorasse, e aí teria dificuldade em abri-lo”. Aquele boteco e esta dificuldade por último no parágrafo dizem muito, incitam quem lê.

“Sem nome” é também título de um conto. Mas um conto que escancara o ofício de escritor, sempre às voltas com os livros e a leitura. Sem este conto não teríamos uma marca recorrente do trabalho da citação, que é recolher nos livros precedentes o que interessa ao novo livro que vem. Após se estabelecer na hospedagem e se aproximar de outros que jogavam carta, a personagem “foi buscar um livro, puxou a cadeira e sentou alguns metros adiante, à sombra do cinamomo. Leu por longo tempo. Reparei que vez por outra ele suspendia a leitura...”. A primorosa escrita lapida os encaixes de entulhos da memória, a que todos leitores estamos submetidos.

Para quem já leu a prosa ficcional de Ernani Mügge, deve ter percebido que se trata de um escritor que conhece a língua, ao apresentar estruturas linguísticas com apurado labor, no que se pode inferir a procura ou a incitação por um leitor exigente, o que adentra as lacunas do texto literário e amplia sentidos.